



OBSERVAÇÕES ACERCA DO USO DA LINGUAGEM NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO INICIAL.

Raema Almeida Borges

Universidade Estadual da Paraíba

raema.almeida@hotmail.com

RESUMO: A monitoria do subprojeto Letras- Inglês do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação a Docência (PIBID) da UEPB proporciona ao licenciando momentos de reflexão em aulas de língua inglesa. Essa reflexão envolve desde as práticas do professor a todo o contexto escolar. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo constatar a importância da monitoria do PIBID para reflexão da linguagem não-verbal do professor em formação inicial a partir de observações ao professor supervisor. Como suportes teóricos foram utilizados principalmente as contribuições de Hall (1999), Perrenoud (2002) e Farrell (2010). As reflexões que pautam nossa pesquisa perpassaram por um período de observação das aulas de um supervisor do subprojeto em uma escola pública de Campina Grande, em uma turma de ensino fundamental. Buscamos destacar no período da monitoria nossa observação e reflexão acerca dos gestos e expressões faciais, usada pelos alunos e pela professora, que fazem parte da linguagem não-verbal e como esses elementos podem influenciar na interação em sala de aula. Concluímos que todos esses fatores nos ajudaram a entender e refletir como devemos usar a linguagem não-verbal em sala de aula e sua importância quando assumirmos o papel do professor, o que constitui uma experiência proveitosa para nós professores em formação inicial.

Palavras-chave: reflexão, professor em formação inicial, linguagem não-verbal;

1. INTRODUÇÃO

O programa Institucional de Bolsa e Iniciação a Docência (PIBID), é um dos programas oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba que busca auxiliar e aperfeiçoar a formação inicial dos estudantes do curso de Letras – Inglês, inserindo-os ao contexto prático de ensino nas escolas públicas de Campina Grande.

Nesse primeiro contato o pibidiano além de observar as aulas do professor-supervisor, ele é levado a refletir e se colocar no papel deste professor, refletindo nas práticas e ações pedagógicas à



luz das teorias estudadas nos encontros semanais oferecidos pelo próprio PIBID, tudo isso com o objetivo de oferecer suporte para que proporcione a excelência no ensino principalmente no que concernem as escolas públicas municipais, conforme exposto na Resolução do PIBID (2015):

O Pibid é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira.

È muito comum presenciarmos situações em que professores formados se questionam: “na teoria é uma coisa e na prática é outra?” , como se os conhecimentos adquiridos na universidade não servissem na prática, pois o aprendizado do conteúdo não faz desses professores profissionais realmente competentes e aptos a ensinar.

Sobre isso, Cavalcanti e Moita Lopes (1991) dizem que o curso de formação de professores no Brasil tem-se preocupado demasiadamente no desenvolvimento linguístico do aluno em detrimento a prática do ensino sem desenvolver no futuro professor a prática pelo ensino-reflexivo ou discussões que discutam práticas influenciadoras ao professor-pesquisador.

Richards (1994) também defende que o conhecimento advindo da prática reflexiva serve como base para mudanças ou possíveis intervenções, ou seja, para um melhor entendimento da prática, do entendimento do aluno, do ensino-aprendizagem, e também serve como uma auto-avaliação, pois é nesse momento que o professor se questiona, formula respostas, investiga sua prática através dos seus alunos, assim como as práticas com outros professores.

È dessa forma que o subprojeto do Pibid em língua inglesa auxilia o graduando de línguas a se aproximar a realidade a qual ele atuará e lhe preparará da melhor forma para a carreira docente, já que todos os bolsistas do Pibid são levados a postar as reflexões de cada aula observada em um *blog*¹ exclusivo do subprojeto, a fim de desenvolver uma postura crítica-reflexiva.

Sobre essa prática reflexiva entre os graduandos e que estão inclusos os bolsistas do Pibid,

¹ <http://pidibenglishuepb.blogspot.com.br/>



Perrenoud (2002) esclarece:

Enquanto os profissionais experientes não consideram ou nem percebem mais seus gestos cotidianos, os estudantes medem o que supõem ser serenidade e competências duramente adquiridas. Portanto, a condição do principiante induz, em certos aspectos, a uma disponibilidade, a uma busca de explicações, a um pedido de ajuda, a uma abertura a reflexão. (p.19)

Perrenoud (*op.cit*) aponta no trecho acima que os professores em formação inicial tendem a observar mais a linguagem não-verbal de forma mais recorrente do que aqueles professores mais experientes, e que por isso, esse professor em formação inicial desenvolve competências e procura soluções as situações decorrentes em sala de aula. É então, no momento de monitoramento do PIBID que os graduandos terão a oportunidade de refletir e observar aspectos relacionados à linguagem não-verbal em sala de aula de forma mais consciente e poderão interpretar os gestos do professor e dos alunos e suas implicações.

Já que segundo Hall (1999) gestos e fala são indissociáveis, eles se coordenam e não podem ser considerados separadamente. Sobre isso Kendon (1983, p 17 e 20) apresenta sua posição quando diz:

Não é difícil constatar o fato de que, quando uma pessoa fala, com frequência outros sistemas musculares, além de lábios, língua e mandíbulas, tornam-se ativos... a gesticulação é organizada como parte da mesma unidade geral de ação a partir da qual a fala é organizada...gestos e fala são acessíveis como dois modos de representação separados, embora coordenados porque guiados pelo mesmo objetivo geral. Tal objetivo é a produção de um padrão de ação que complete a representação de um significado.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo constatar a importância da monitoria do PIBID para reflexão da linguagem não-verbal do professor em formação inicial a partir de observações a um professor supervisor e dos comportamentos não-verbais dos alunos em sala de aula.

2. METODOLOGIA

O subprojeto do curso de Letras- Inglês da Universidade Estadual da Paraíba é composto por



dez bolsistas, dois professores supervisores de escolas estaduais e uma coordenadora.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, pois pretende analisar a linguagem não-verbal de um professor supervisor e os comportamentos não-verbais dos alunos em sala de aula de língua inglesa, através das reflexões dos bolsistas do PIBID inseridas no *blog* do subprojeto Letras- Inglês no período de observação de três encontros semanais, cada encontro por semana, totalizando seis aulas.

Desse modo, pretendemos analisar o primeiro momento do primeiro semestre de 2015, em que foram realizadas atividades de monitoramento as aulas dos professores supervisores pelos pibidianos e em que ocorreriam reuniões semanais entre todos os integrantes do subprojeto a fim de discutir os estudos teóricos que auxiliavam na elaboração das reflexões e na formação inicial dos graduandos e da formação continuada dos professores supervisores.

Do total de 10 bolsistas a pesquisa contemplará a reflexão de dois bolsistas que serão indicados como Pibidiano A (PA) e pibidiano B (PB), do referido subprojeto ao professor-supervisor 1.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A linguagem não-verbal se faz presente em todo e qualquer tipo de interação humana e a sala de aula é um dos lugares repleto de comportamentos não-verbais como defende Galloway (1979). Hall (1999) adverte que devemos entender e interpretar essa linguagem em sala de aula através das ações, dos movimentos do professor e dos alunos e que não podemos caracterizá-la ou estudá-la como signos. Ações como ler ou comer, por exemplo, são ações que podem ser interpretadas através dos estudos da análise não-verbal.

Por essa razão extrairemos a fala de dois pibidianos que demonstram os momentos em que a linguagem não-verbal foi mais intrinsecamente observável e como esta influenciou em algum momento durante as observações das aulas de língua inglesa.

Para a análise escolhemos os bolsistas A e B. Assim, buscamos extrair nesse momento de

maneira fiel a observação dos participantes ao que se refere aos aspectos relacionados à linguagem não-verbal do professor e dos alunos no período da monitoria através de suas reflexões postadas no *blog* do subprojeto.

O pibidiano A relata suas primeiras impressões sobre seu segundo encontro em uma sala de Oitavo ano B no trecho abaixo:

PA: A sala era maior e mais confortável, o que torna as coisas mais fáceis para o professor. Eu penso que era muito espaçosa, na verdade, para alguns alunos que sentavam atrás e não participavam na aula. Eu presumo que ter alunos sentados perto do professor poderia ajudar. A professora levava muito tempo para ter todos os alunos focados desde que todos estavam espalhados e reunidos em grupos separados. Os grupos se formavam enquanto a aula estava acontecendo, no momento da execução das atividades com a classe. Eu pude identificar alguns que estavam atentos à professora todo o tempo – crianças lindas que estavam realmente interessadas em aprender! [sic]²

O pibidiano A inicia sua fala apresentando a estrutura da sala como sendo um fator que influencia a interação na sala de aula. De acordo com Hall (1999) o ambiente de comunicação ou os fatores não-humanos tem sim forte influência nas relações humanas. Como foi observado pelo pibidiano, os alunos que sentam atrás não têm motivação para participar em sala porque a professora não os ouve, assim não há interação entre esses alunos e o professor, como também demonstra um certo distanciamento entre o professor e esses alunos.

Hall (1999) aponta que o contato visual e a comunicação efetiva se relacionam ao estudo da proxêmica da linguagem não-verbal, e esta se relaciona a percepção do espaço social e espacial decorrente da ocupação das cadeiras e da distância da conversação entre os falantes, ou seja, a forma como o espaço é ocupado acaba influenciado na relação de liderança do professor e com isso impede para a efetivação da comunicação já que os alunos estão em grupos.

Nesse trecho o pibidiano B relata suas impressões acerca do terceiro encontro e compara ao comportamento dos alunos em relação ao segundo encontro:

² The classroom was bigger and more comfortable which made things easier for the teacher. I thought it was a bit too large, actually, for some pupils were sitting way back and would not totally participate in the class. I assume having students sit closer to the teacher could help it. The teacher had a hard time trying to have all students focused since they were all spread and gathered in separated groups. The groups were formed by themselves while the class was happening to perform the exercises altogether. I could identify the ones who were attentive to the teacher at all times - beautiful kids who were really eager to learn!

PB: Enquanto alguns deles continuam participando e fazendo comentário engraçados às vezes, outros (que estavam perturbando a aula semana passada) estavam quietos observando e muitos deles estavam fazendo outra coisa (como a garota que estava lendo um livro). Uma das razões para esta mudança poderia ser o fato de que não havia grupos formados (as mesas estavam organizadas na forma tradicional, diferentemente da forma que elas estavam semana passada)³

O pibidiano B apresenta a disposição das cadeiras também como um fator que influencia na interação entre professor e aluno. O pibidiano também relata os diferentes comportamentos não-verbais que demonstram a falta de atenção dos alunos durante as aulas. Segundo Hall (*op.cit*) os comportamentos observáveis são sujeitos a um maior controle e por esse motivo tem maior probabilidade de serem intencionais. Por essa razão, os professores-reflexivos externam certo desconforto a partir desses momentos mais “observáveis” como uma possibilidade de mudança em relação ao comportamento dos alunos.

O pibidiano identifica os comportamentos não-verbais como, a passividade dos alunos quando estão “só observando” e fazendo algo mais, como a garota que estava lendo o livro. Sobre isso Argyle (1988 *apud* HALL 1998, p.6) explica que o comportamento não-verbal pode: expressar emoções, transmitir as atitudes como afetos ou submissão, e ainda apresentar a personalidade dos alunos.

Como expresso pelo pibidiano A, esses comportamentos reforçam a idéia de que há certo desrespeito e distanciamento entre o professor e o aluno, tanto porque não há um contato visual entre o professor e aluno como o espaço que interfere na proxêmica entre eles e com isso a interação.

Esses comportamentos não-verbais esclarecem a mensagem verbal anterior do pibidiano A e demonstram a natureza entre os integrantes que são vistas pela maneira como estes coordenam suas ações. Segundo Hall (*op.cit*) “quando algo ocorre com que freqüência ocorre e o ritmo das ações

³ While some of them continued participating and making funny comments sometimes, others (who were disturbing the class last week) were just quiet observing and many of them were doing something else (like the girl who was reading a book). One of the reasons to this changing could be the fact that there were no groups formed (the desks were organized in the traditional way, differently from the way they were last week).

são partes inquestionáveis do mundo comunicativo, ainda que não integrem o ambiente físico propriamente dito”.

Todas essas ações estão relacionadas ao movimento do corpo ou ao comportamento cinestésico (HALL, *op.cit*) dos alunos. “Eles estavam inquietos ou agitados”, esse comportamento está relacionado ao grau de empatia pelo interlocutor. Os que estavam lendo o livro demonstram um comportamento ocular (HALL, *op.cit*) direcionado ao livro e não ao professor, o que realmente comprova que a falta de interesse, atenção e envolvimento dos alunos.

Sobre a interação em sala e a professora, o pibidiano B também reflete:

PB: Parecia realmente difícil para o professor conduzir as aulas já que não havia silêncio. Isso foi muito angustiante. Além disso, um estudante virou a cadeira para falar com os seus colegas. Esta atitude desrespeitosa me fez pensar no que Perrenoud (2002), disse sobre a reflexão do professor e reação no calor da aula e a intervenção / não-intervenção. Eu sei que não é recomendado confrontar os alunos, especialmente se eles estão na fase da adolescência. Mas permitir que o aluno continuar agindo desta forma pode induzi-lo a uma pior atitude [sic]⁴.

Conforme registrado no trecho pelo pibidiano B, a falta de atitude, a falta de uma “reclamação” ou de uma “advertência”, ou seja, a linguagem não-verbal do professor demonstrou para o pibidiano a postura do professor diante aquela situação. Sobre isso Burgoon (1980, p.184) esclarece que: (...) “os canais não-verbais carregam mais informação e são mais críveis do que os verbais, os sinais visuais, em geral, têm mais peso do que os vocais”.

A falta de atitude, ou seja, a falta de ação diante aquela situação, permitiu com que os alunos continuassem tendo a mesma atitude de desrespeito em relação ao próprio professor. Em pesquisas realizadas por Volkmar e Siegel (1982 *apud*. HALL 1999, p.9), as crianças e adolescentes parecem dar menos crédito a linguagem não-verbal conflitante do que os adultos. Porém Hall (1999) explica que “há momentos em que não podemos ou não precisamos verbalizar algo”.

⁴ It seemed really difficult to the teacher conduce the classes since there was no silence. That was really distressful. Besides, a student turned his desk around to talk with his colleagues. This disrespectful attitude made me think of what Perrenoud (2002) said about teacher's reflection and reaction in the heat of the class and the intervention/non-intervention. I know that it is not recommended to confront pupils, specially if they are in the phase of adolescence. But allowing the student to continue acting this way may induce him to a worst attitude.



O pibidiano B além de disser que a sala estava barulhenta e estressante, ele relacionou a linguagem não-verbal dos alunos – a virada das cadeiras para trás, em uma posição de costas a professora – como uma atitude de desrespeito. Segundo Hall (*op.cit*) quando a comunicação não-verbal é substituída pelas mensagens verbais, são chamados de sinais de substituição.

Essa atitude também pode ser expressa como um sinal de Complementação (HALL, *op.cit*), já que de acordo com o relato, os alunos conversavam e não faziam silêncio, no sentido de que não prestavam atenção à aula, assim, o comportamento não-verbal aprimorou a mensagem verbal e reforçou essa mensagem para o professor-observador, esses comportamentos são notados com mais precisão, já que serviu para enfatizar a sua comunicação verbal mais ainda. Ekman e Friesen (1967 *apud* HALL 1999, p.12) dizem que o corpo com frequência carrega os mais precisos indicadores níveis de emoção.

Menhabian (1981 *apud* HALL 1999, p.10) se preocupou no estudo dos comportamentos não-verbais implícitos e quais significados eles possuem. Segundo Menhabian (*op.cit*) quando analisamos com base no “Imediatismo”, registramos se o comportamento foi positivo ou negativo, agradável ou desagradável, com base no “Status”, verificamos a relação do “superior” e dos “subordinados” naquele contexto, e a “Resposta” se o comportamento foi rápido ou lento, ativo ou passivo. Fatores esses que foram observados pelo pibidiano. Menhabian (*op.cit*) conclui que esses três aspectos trarão respostas básicas ao meio e refletirão na maneira que atribuímos significados aos comportamentos verbais e não-verbais.

Assim, a organização das cadeiras em círculo, por exemplo, poderia estabelecer um melhor “ambiente de comunicação” e um melhor contato visual entre os alunos para auxiliar na interação e poderia aproximar mais o professor do aluno.

O uso do método “*Total Physical Response*” – a resposta física dos alunos a uma ordem dada em inglês, também poderia ser uma opção já que como vimos os alunos são bastante ativos e



dinâmicos. Atividades que demonstrariam se os alunos compreendem o comando dado em inglês com movimentos, fazendo com que eles se envolvessem com a aula de uma forma mais prática, já que segundo a análise não-verbal feita pelo o eles sempre estão dispersos e como Hall (*op.cit*) defende que o movimento de qualquer membro do corpo, ou o Comportamento Cinestésico deve ser observado, assim como é importante para interação em sala de aula.

4. CONCLUSÃO

Concluimos, a partir do exposto, que a monitoria do PIBID foi de extrema importância para a minha formação inicial, pois me permitiu refletir, discernir e observar a importância da linguagem não-verbal para interação em sala em aula. Com isso, passarei a (i) estar mais atenta a linguagem não-verbal dos meus alunos. (ii) estar mais atenta a minha linguagem não-verbal em sala, (iii) se preocupar com o ambiente em sala de aula (disposição das carteiras, espaço, proxêmica e etc).

As observações a um professor supervisor e as análises da linguagem não-verbal também contribuíram para a minha construção identitária, pois através da aquisição das teorias e das observações posso aprender aperfeiçoar e refazer minha prática a fim de me tornar cada vez mais preparado e mais experiente. Sobre isso Farell (2010) expõe que é necessário construir e reconstruir um sentido conceitual do que é ser professor, manifestado pela “construção identitária”, já que as crenças, valores e emoções dos mesmos vão mudando com o decorrer da carreira, na medida em que reconstroem seus papéis com a vivência do contexto escolar.

Como Perrenoud (1999) explica, um professor principiante tem mesmo a sensação de que não domina os gestos e que sente que paga um preço alto por eles, mas ele consegue entender e diferenciar aquilo que imaginava e o que realmente vivencia o que é necessário para que ele se torne um profissional cada vez mais autônomo.

Através desse trabalho pude refletir melhor sobre o uso da minha linguagem não-verbal em



sala de aula e estar mais consciente acerca das minhas ações quando gesticulo, ou expresso algo e como posso usar essa ferramenta para facilitar a compreensão dos alunos de língua inglesa, por exemplo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>> Acesso em: 20 de junho de 2015.

BURGOON, J.K. Nonverbal communication research in the 1970s: An overview. In: D.Nimmo (Ed.), **Communication yearbook 4**. New Brunswick, NJ, 1980.

CAVALCANTI, M.C., MOITA LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 1991, (p.133-144).

E.T.HALL. Comunicação não-verbal: perspectivas básicas. In: MARK L. KNAPP, JUDITH A. HALL. **Comunicação Não-Verbal na Interação Humana**. São Paulo: JSN, 1999.

FARRELL, S. C. T. **Exploring the professional role identities of experienced ESL teachers through reflective practice**. Canada, Brock University, 2010.

GALLOWAY, C. M. Teaching nonverbal behavior. In: A. Wolfgang (Ed.), **Nonverbal behavior: Applications and cultural implications**. Nova York: Academic Press, 1979, p.197.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto alegre: Artmed, 2002.

RICHARDS, J.C, LOCKHART, C. **Reflective Teaching in Second Language Classrooms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SCHON, D. **The Reflective Practioner**. New York: Basic Books, 1983.



KENDON, A. Gesture and speech: How they interact. *In*: J.M. WIEMANN e R.P. HARISON. **Nonverbal interaction**. Beverly Hills, CA, 1983.